

APRESENTAÇÃO

Marcos Del Rojo
Presidente do
Instituto Astrojildo Pereira

Ataque perpetrado contra alvos militares e financeiros dos EUA, no dia 11 de setembro de 2001, demonstrou que o “outro” do Império, ameaçador e perigoso, encontra-se dentro de suas próprias entranhas, diante da intenção declarada de estabelecer o controle sobre todo o planeta. Ainda mais, esse evento marca o início de uma nova fase da mundialização imperialista, mais agressiva e voltada à militarização.

No momento em que a crise atinge todos os elementos da tríade que compõe o império do capital (EUA, Europa e Japão), em meio a muitas contradições e conflitos, o EUA e parcelas do grande capital investem numa acentuação da centralização capitalista e da tendência a unipolarização do poder mundial. Os instrumentos são a financeirização e a militarização, e o alvo são os povos das grandes periferias e o mundo do trabalho. Assim é que o ataque ao Afeganistão estava já previsto, como complemento estratégico ao ataque ao Iraque, em 1991, e a destruição da Iugoslávia, culminada em 1999. O controle sobre fontes de recursos naturais e a pressão sobre a China seriam alcançados com esse único movimento, vindo a se acoplar a ofensiva contra os direitos dos trabalhadores. Um novo ataque ao Iraque encontra-se na agenda.

Diga-se, aliás, que a China é o único país que se insere no mercado mundial e ao mesmo tempo mantém respeitáveis taxas de crescimento econômico em meio a um império do capital que se esgarça na crise. Sintomas da degenerescência do capital são a sua submersão no tráfico de armas, de drogas, de mulheres, de diamantes e de detritos industriais. É essa mesma degenerescência que engendra a devastação ambiental e o “terror” moderno: “terror” de Estado e “terror” da guerra civil a que as classes e os povos subalternos se vêem induzidos pela droga e pela pobreza.

Mas a resistência dos povos do Afeganistão, da Palestina e da Colômbia contra a ofensiva imperialista indica apenas algumas das dificuldades antepostas aos desígnios imperiais. O capital financeiro foi bem-sucedido no seu intento de liquidar a Argentina, impor dificuldades à realização do Mercosul e de facilitar o trajeto para a Alca. A rebelião da pequena burguesia argentina e a entrada dos trabalhadores em cena podem criar situações de antagonismo mais decisivas ou um novo impulso em direção à barbárie, que se espraie por outras partes do continente.

Mas o momento atual traz como uma de suas marcas distintivas o movimento antiglobalização e as instâncias do Fórum Social Mundial e do Fórum Mundial das Alternativas, freqüentemente se sobrepondo as instituições “clássicas” do movimento operário, que se expressam como uma frente única internacional contra os desígnios imperiais. O paradoxo entre movimento social internacional que se fortalece também sobre a crise dos partidos do socialismo terá de encontrar uma solução em algum tempo próximo.

Fechávamos este número da revista *Novos Rumos* quando fomos surpreendidos pela notícia da morte de Noé Gertel, lutador da causa comunista por toda uma longa vida, que completou 88 anos no mês de março de 2002, diretor responsável pela revista desde sua fundação, há 17 anos. Para todos nós, seus amigos e camaradas, uma grande perda; para o movimento pela luta por uma sociedade mais justa e humana no nosso país, uma lacuna que dificilmente poderá ser preenchida.